

A DANÇA DO TORÉM DOS TREMEMBÉ DE ITAREMA-CE

Arliene Stephanie Menezes Pereira¹

RESUMO

Este artigo faz uma descrição e análise do *Torém*, a dança ritualística dos índios Tremembé de Itarema, no estado do Ceará. Esse grupo indígena também é conhecido por seus exímios artesãos, e pela fabricação do *mocororó*, bebida feita de caju. O *Torém* é a maior forma de resistência cultural e que lhes trouxe diferenciação e notoriedade social, sendo uma dança totalmente particular deste povo. O artigo aborda ainda alguns elementos que fazem parte dessa dança como os instrumentos, as músicas e a bebida que é servida durante o ritual, o *mocororó*. O trabalho tem como objetivo analisar a manifestação cultural desse povo indígena de forma crítica e descritiva, além de contextualizar e historicizar as produções já publicadas, bem como, instigar o debate sobre estudos indígenas.

Palavras-chave: Dança. Tremembé. Torém. Índios.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem o objetivo de fazer uma descrição e analisar o *Torém*, dança dos índios Tremembé, que residem em Almofala, mais especificamente os moradores da localidade Praia, no Município de Itarema, estado do Ceará; sendo essa comunidade, o grupo de Tremembé mais conhecido, pois existem outros povoados, em dois municípios.

¹ Especializanda em Arte-Educação e Cultura Popular – Faculdade de Tecnologia Darcy Ribeiro - FTDR. Graduada em Gestão Desportiva e de Lazer – Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE. Graduada em Educação Física – Universidade Estadual do Ceará - UECE. stephanie_ce@hotmail.com

“O povo Tremembé tem aproximadamente 4.820 pessoas e 690 famílias. Devido à ação dos colonizadores tiveram suas terras restringidas a quatro léguas em quadro. O povoado fica entre os rios Aracati Mirim e Aracati-Açu. Estas terras foram doadas através de Carta Régia do Governo Português, datada de 08/01/1697 e tinha como objetivo a fixação e redução do território Tremembé.” (GOMES, et al. 2007. p. 46:47)

O local onde este povo está localizado é delimitado e identificado, com processo administrativo suspenso pelo Ministério da Justiça em 1996 e hoje em processo de última instância, fruto da luta conjunta dessa comunidade. Atualmente os agrupamentos indígenas representam apenas um quinto do que havia quando o Brasil foi descoberto. O povo Tremembé é uma das 12 etnias que existem no Ceará, e uma das 216 etnias de índios que ainda existem no nosso país.

Esse grupo indígena é conhecido por seus exímios artesãos, e pela fabricação do *mocororó*, bebida feita de caju e pela sua dança particular, o *Torém*, que lhes trouxe diferenciação e notoriedade social.

O interesse em pesquisar o objeto de estudo se deve à identificação da autora com o tema, que já vinha sendo estudado há algum tempo resultando na elaboração de 2 artigos científicos e 8 resumos, apresentados em congressos e simpósios a nível regional e estadual, e dois projetos monográficos concluídos, sempre com a temática indígena em foco.

A comunidade dos Tremembé no povoado de Almofala foi escolhida por ser umas das mais importantes na história dos Estados do Ceará, Maranhão e Piauí. Sendo hoje em dia uma das que mais conserva vários de seus costumes, como o artesanato em palha; as suas danças, como o *Torém*, a Aranha e o Caçador; e a sua ritualística e alucinógena bebida, o *mocororó*.

2 O POVO TREMEMBÉ

2.1 Dados históricos

De acordo com Sobrinho (1951) este grupo ameríndio registrado em várias crônicas coloniais com a sinonímia homófona de Tremembé, Terembé, Taramambé, Tramembé, Taramembé e Tramambé, forneceram um rico material e várias referências para os escritores e cronistas do século XVII, não apenas pelo modo particular do seu *habitat* e do modo como viviam, como também pelas lutas e perseguições que moveram os colonizadores portugueses e outros índios. A história desse povo, que foi malgrado a ignorância de sua etnologia e etnografia, é relativamente longa. E tiveram personagens como aventureiros espanhóis, cronistas portugueses e franceses, colonizadores holandeses, e administradores das capitanias do Ceará e do Maranhão. Apesar do tempo essa etnia ainda conseguiu muitos de seus costumes, assim como cita Pereira (2010):

Dessa cultura e somatologia, chegaram até nós, escassos elementos, porém nada de suas origens ou proveniências. Apesar disso, ao longo de todos estes anos, esses índios conservaram a produção do *mocororó*, bebida feita do caju, utilizada em festas, rituais e no cotidiano; e também a sua dança, o *Torém*, que ao longo de seu processo de organização e mobilização étnica, tem sido o seu principal sinal diacrítico, referência de singularidade. Conservado fervorosamente por muitos, e já esquecida por alguns índios mais jovens. (PEREIRA, 2010. p. 20)

Gomes (2007) também relata um pouco da história desse povo e da origem do nome Tremembé:

O nome Tremembé vem dos *'tremedaú'*, que é uma espécie de córrego de lama movediça, coberto por água escassa. Quando os índios eram perseguidos, entravam nos *'tremedaú'*, e como sabiam afundar na lama, conseguiam sair em outra localidade. Os soldados ou capangas que os perseguiam, porém, não possuindo a mesma destreza, afundavam e

morriam (GOMES, 2007. p 45).

Parte deste grupo ameríndio mora na Aldeia da Praia de Almofala, tendo esse nome muito haver com esse povo.

“Segundo os nossos antepassados, que eles passam pra gente O nome Almofala né, surgiu de quando os europeus chegaram aqui. Então, era muita mata né, na beira da praia, também. E aí eles ficaram né. Os europeus ficaram caminhando nessa região né, da praia. E aí eles ouviam apenas as vozes né, porque os índios né, os nativos estavam dentro da mata de lá observando quem tava e quem passava na praia. Então eles diziam que iam embora porque ali só alma falava. Aí eles botaram o nome de Almafala.” (José Getúlio dos Santos – Professor da escola Maria Venância).²

Essa história contada pelo educador se passa em 1501 com a chegada dos portugueses no aldeamento de Almofala (CEARÁ, 2007). Em razão do contato secular com outras sociedades e da discriminação sofrida, que resultaram em profundas mudanças culturais, a língua e a autodenominação dos Tremembé foram esquecidas pelo seu próprio povo.

De acordo com Sobrinho (1951) Encontram-se relatos do cronista Pedro Mártir de Algéria sobre esse povo, ao descrever a expedição de Vicente Yanez Pinzón, de dezembro de 1500 a setembro de 1501. E também de registros que um ano e meio depois, Américo Vespúcio viera na primeira expedição exploradora da costa brasileira, mandada em 1501 pelo rei de Portugal descrevendo episódios ocorridos em terras de pleno domínio Tremembé. Durante todo o século XVI, esse povo teve contato e foram exploradíssimos por franceses e portugueses. E no século XVII sofreram nas mãos dos portugueses que se apoderaram das terras do Ceará. Esses quando não travavam guerra contra os indígenas, aliavam-se aos mesmos. Fundando os povoados e se fortificando cada vez mais.

² Entrevista realizada em 05/10/2009 em Itarema/CE.

2.2 Localização geográfica

Os índios Tremembé, vivem no litoral oeste do estado. São 03 municípios com 25 povoados, Sendo eles:

1) ITAREMA: Almofala, Barro vermelho, Lameirão, Panã, Praia, Camboa da lama, Mangue alto, Aningas do mulato, Cabeça do boi, Passagem rasa, Curral do peixe, Urubu, Boa vista, Varjota, Tapera, Batedeira, Praia do caboré, Camondongo, Córrego João Pereira, São José, Capim Açú e Cajazeiras; 2) ACARAÚ: Telhas e Queimadas; 3) ITAPIOCA: São José e Buriti.

O perímetro da Terra Tremembé, em Itarema, é atualmente de 4.900 há / 37 km. Segundo Sampaio et al, (2003) tanto pelo aspecto histórico como pelo ambiental, a região de Almofala deve ser relacionada à outra, conhecida como Tapera, que inclui áreas como Amaro, Varjota, Batedeira e Córrego Preto. O rio Aracati-mirim é uma importante referência geográfica e serve como divisa entre a Almofala e a Tapera. Considerando o meio ambiente e a paisagem, tem-se uma razoável diversidade. Almofala e Tapera têm diversos ecossistemas, compreendendo uma variedade ambiental, tanto no que se refere aos animais quanto à vegetação, relevo e tipo de solo. Além da faixa litorânea e do rio citado, encontram-se vários córregos e lagoas. O litoral sofre constante processo de redefinição do solo, do relevo e de formação de dunas. Barras são comumente formadas e progressivamente desaparecem. Os manguezais são encontrados próximos à costa, tanto na praia como no rio. Quanto à vegetação, predomina o coqueiro, encontrado por todas as localidades. Seu cultivo é, porém, recente, motivado por uma produção de larga escala de destino extra local. O cajueiro era também muito encontrado. Para complementar, as localidades que fazem parte da Terra Indígena do Córrego do João Pereira apresentam um relevo mais ondulado, solo avermelhado e vegetação característica de caatinga (marmeleiro branco; pau ferro; timbaúba; coité; jurema branca etc). Em 1991, o Projeto TAMAR – Tartaruga marinha criou uma base de proteção das tartarugas marinhas na área costeira da Grande Almofala. E em 2003, foi publicada uma coletânea sobre os

Tremembé e o meio ambiente.

3 DANÇA DO TORÉM

A dança exprimi os sentimentos e as emoções da humanidade. O povo precisa antes de tudo de liberdade e a dança não é outra coisa senão a expressão da liberdade.

Entre essa etnia a dança é vista também como um elo de união com as gerações passadas, como uma ponte de integração com as famílias da praia e de outras aldeias de quem são parentes, e ainda como uma forma de conservar suas tradições. No passado os Tremembé se divertiram em muitas noites de lua nova e cheia cantando e dançando. Quando não tinha lua, dançavam no claro de uma fogueira o *Torém*, a Bulieira, Aranha e muitas outras. De acordo com ²Ceará (2007) os Tremembé possuem muitas outras dançam entre elas: Bulieira, Aranha, São Gonçalo, Caninha-verde, Salomeu, Festival dos Santos, Rêso, Caçador, Coco de roda.

A dança do caçador é dançada por Raimundo José dos Santos mais conhecido como Seu caçador. Na qual ele mesmo relata:

“Meu nome é Raimundo José dos Santos, mas meu apelido me chamo Caçador. Tenho 67 anos. E ainda danço o *Torém* e pra dançar o caçador é comigo mesmo.” (Raimundo José dos Santos, morador da localidade da Praia – Seu caçador)³

Mas a dança mais conhecida entre os Tremembé é o *Torém*, também chamada de brincadeira dos índios velhos, que traz uma expressão da unidade grupal. Segundo Oliveira Jr (1998), os primeiros registros e informações sobre a prática do *Torém* remontam à segunda metade do século XIX. O historiador Antônio Bezerra (1965, p.123) ao escrever sobre a história do Ceará, menciona, em sua visita à região da Ibiapaba, a presença de um grupo de indivíduos que tinha por hábito se vestir e dançar o *Torém*.

³ Entrevista realizada em 08/10/2009 em Itarema/CE.

O *Torém* é para os Tremembé a sua maior forma de resistência cultural. Essa dança é muito importante para estes índios porque ela traduz em seus versos a história, os movimentos também imitam aspectos de seu cotidiano, remontam seu passado e é uma das experiências corporais e culturais mais vividas por todas as aldeias. Sendo a dança, como afirma Laban (1948), uma cooperação organizada das faculdades mentais, emotivas e corporais, que se traduz em ações cuja experiência é da máxima importância para o desenvolvimento da personalidade.

Segundo Povos indígenas no Brasil (1991), o *Torém* já foi visto como uma dança folclórica que era organizada pelos caboclos (descendentes de índios). Tendo um significativo valor porque representava a sobrevivência cultural e étnica, tendo este significado até hoje. Nesse sentido, essa dança passou a ser considerada como manifestação folclórica original, o que geraria efeitos sociais, principalmente na valorização cultural da região. Assim, o interesse intelectual articulou-se a uma crescente apropriação do *Torém* por parte de políticos regionais, considerando as potencialidades atrativas da "dança" em seus eventos públicos. Diversas vezes, a dança foi apresentada em festas de santos padroeiros e também de candidatos diversos às prefeituras dos municípios próximos de Almofala. Era mantido principalmente por indivíduos articulados por vínculos próximos de parentesco, de compadrio e de vizinhança, considerados como os verdadeiros conhecedores da tradição. É muito provável que o evento de maior destaque tenha sido o Festival de Folclore realizado na Universidade Federal do Ceará em Fortaleza no ano de 1965, quando os dançarinos do *Torém* alcançaram o primeiro lugar da competição entre grupos folclóricos. Pode-se notar, portanto, que a dimensão política que envolvia a dança estava, mais próxima de práticas clientelistas e sistemáticas e por outro lado, de uma construção cultural bastante peculiar por parte de pesquisadores e folcloristas do que realmente de uma mobilização política de perfil étnico e cultural.

O *Torém*, como foi citado, é a dança mais popular, é dançada em roda, dirigida pelo cacique João Venâncio que bate o pé com um pancada forte no chão, comandando os dançarinos, que são homens e mulheres. Esses movimentos são marcados sonoramente por um *maracá*. No centro do círculo, fica uma bacia com o *mocororó*, aguardente de caju azedo que é servido aos participantes.

“Aqui é o vim do caju que nós faz né. Pra quando nós for beber. Pra quando nós for brincar o *Torém* que é a nossa cultura. Ai nós bebe, pra começar a brincar. Ai nós bebe este vim”. (Raimundo José dos Santos, morador da localidade da Praia – Seu caçador) ⁴

Também no centro ficam um ou dois dançarinos, os *toremzeiros*⁵, que dançam por meio de passos compassados e alguns razoavelmente estilizados. Nessa dança pode-se observar um ritmo sincronizado entre os corpos dos dançarinos, que batem o pé ao mesmo tempo, cantam no mesmo ritmo e mudam de passo igualmente. É realizada principalmente no período de setembro a novembro, que é a época da safra do caju e da preparação do *mocororó*.

Segundo Valle (1992) o *Torém* é uma dança exclusiva dos Tremembé, é diferente do Toré dos Tuxá. Xucuru, Atikum, Xocó e outros grupos indígenas nordestinos, o que evidencia sua singularidade cultural. Sobre essa afirmação o Pajé Luís Caboclo fala que todos os outros povos dançam o *Toré*. E que a diferença é que o *Toré* é mais agressivo, os passos são fortes, e o *Torém* é mais suave. Sobre essa afirmação o Pajé Luís Caboclo fala que todos os outros povos dançam o *Toré*. E que a diferença é que o *Toré* é mais agressivo, os passos são fortes, e o *Torém* é mais suave.

Na escola indígena Maria Venância, o *Torém* é dançado todos os dias no período da manhã e da tarde, antes de começar à aula. Essa dança acontece todos os dias nos horários de 08:00 horas e 13:00 horas no pátio coberto.

O *Torém* apesar de ser uma dança é também um ritual. Na verdade é um ritual dançado. Durante a dança são servidos vários litros de *mocororó*. Esse gosto dos índios por essa bebida já era visto pelos portugueses desde a época da colonização, ou seja, os índios já o tomavam. Como é relatado por Freyre (1963, p. 185) “Dos índios transmitiu-se igualmente ao europeu o complexo do caju – com uma série de aplicações medicinais e culinárias; destacando-se, porém, o seu uso no fabrico de um vinho muito bom, hoje caracteristicamente brasileiro.”

⁴ Entrevista realizada em 08/10/2009 em Itarema/CE.

⁵ Termo usado para especificar os dançarinos do *Torém* que ficam dentro do círculo, dançando com passos estilizados. (OLIVEIRA JR., 1998)

Mas essa bebida não é tomada apenas durante o ritual, é tomada durante o dia como uma forma de lazer, principalmente na época do caju. Aproveitando-se essa fartura da fruta. É feito do caju, e não somente o caju azedo. Existem quatro tipos dessa bebida. O primeiro que é aquele caju recém tirado é o chamado vinho do caju, tendo um gosto levemente adocicado. O segundo que é aquele que passa mais algum tempo para dar um gosto mais azedo, já fermentado é a real bebida, o *mocororó*. O terceiro que é aquele que ainda passa um tempo maior fermentando, já é um pouco forte, e que eles chamam de aguardente de caju. O quarto tipo já é o vinho do caju misturado com alguma bebida alcoólica, que é chamado de vinho misturado. Seu Raimundo José dos Santos já faz o fabrico do *mocororó* há muitos anos. Relatando aqui a fabricação desse vinho de caju, misturado com a cachaça. Que hoje já é bastante comum na comunidade.

“Aí eu faço, quando vem os amigos pra cá a gente bebe. Tem um bocado ali já feito. As garrafada. Eu aprendi com a minha avó. Dura é tempo. A gente pode até misturar com outra bibida. Pra num azedar, cum a cachaça faz o vim temperado. Tem ele *in natura* de um ano pro outro, mas fica mais forte. E agora do mesmo ano é bom, fica forte, mas a gente bebe. Agora ficando dum ano pru outro se num butar a mistura cum a cachaça ou cum outra coisa dentro, ele azeda, fica forte demais e num presta. Agora esse aqui que é dum ano pru outro é diferente. Se misturá ele cum outra bebida ele dura. Dura é anos.” (Raimundo José dos Santos, morador da localidade da Praia – Seu caçador)⁶

Oliveira Jr relata (1998, p. 13) que a dança do *Torém* é acompanhada por uma cantata em quadra, falada em língua ameríndia, possível mistura de vocábulos Tupis e Tremembé. Esse idioma materno do grupo não se classifica em nenhum tronco ou família conhecida. As músicas retratam a existência do povo Tremembé. Mostrando que é da natureza que os índios dessa tribo fazem seus mitos e sua cultura. Onde passam criam seus mitos e suas músicas.

As músicas do *Torém* são as mais cantadas. Apesar de muita gente também gostar de escutar o forró. No que trata do instrumento para tocar o *Torém*, os Tremembé fabricam seus próprios, que são usados em suas danças ou rituais. É uma

⁶ Entrevista realizada em 08/10/2009 em Itarema/CE.

forma de artesanato. Entre esse grupo indígena um dos instrumentos mais conhecido é o “*aguaim*”, espécie de *maracá*, empunhado pela figura de uma liderança durante o *Torém*. Apesar de já se ter outros instrumentos como o violão, triângulo, apitos e a zabumba.

“Hoje o pessoal utiliza muito... o violão. Utiliza também o zabumba. E, o triângulo também. Sempre nos outros *Torém*, mas, geralmente aqui na escola a gente utiliza mais a *maracá*, o instrumento base do *Torém*. Eu me considero um músico formado pela própria natureza. Que é assim, pra balançar, pra mim balançar ninguém precisou me ensinar. Eu sozim, eu, aprendi sozim, só vendo os outro fazendo né. Da mesma forma também a coisa né, a música pra cantar, só vendo os outros e a gente acaba descobrindo dentro da gente que a gente tem aquele talento praquilo.” (José Getúlio dos Santos – Professor da escola Maria Venância).⁷

Um dos Tremembé que fabrica a *maracá* é José Geraldo dos Santos, mais conhecido como Seu Biinha. Artesão de coco e morador da localidade do Mangue Alto.

“Meus artesanato é assim de coco, de quenga de coco... *Maracá* faço também do coco.” (José Geraldo dos Santos, 54 anos – Seu Biinha – Artesão).⁸

Podendo observar-se que o *Torém* ainda é conservado como uma tradição e que é uma característica marcante deste povo.

CONCLUSÃO

Conclui-se que o *Torém* vem atrelado a um contexto histórico e social deste povo. Sendo sua maior manifestação cultural, e que envolve aspectos como a questão da língua indígena e de resistência cultural. Também pode notar-se que os Tremembé

⁷ Entrevista realizada em 05/10/2009 em Itarema/CE.

⁸ Entrevista realizada em 04/10/2009 em Itarema/CE.

tentam fazer o resgate das tradições, entre elas o *Torém*, ao ser descrito, por exemplo, que a dança é realizada duas vezes ao dia na escola indígena Maria Venancia. Além disso, pensa-se que esses resultados podem ser agregados aos movimentos sociais organizados de reivindicações e de luta dos povos indígenas pelo reconhecimento de seu direito à manutenção das suas formas específicas de viver e de pensar, de suas línguas e culturas, de seus modos próprios de reelaboração, produção e transmissão dos seus conhecimentos.

THE DANCE OF TORÉM OF TREMEMBÉ OF ITAREMA-CE

ABSTRACT

This article is a description and analysis of Torém, the ritual dance of the Indians of Tremembé Itarema in the state of Ceara. This Indian group is also known for its skilled craftsmen, and manufacturing mocoororó, a drink made from cashew nuts. The Torém is the highest form of cultural resistance and which brought them fame and social differentiation, and a dance this very special people. Also addresses some elements that are part of this dance as the tools, music and drink that is served during the ritual, the mocoororó. The study aims to examine the cultural expression of indigenous people in a critical and descriptive, and to contextualize and historicize the productions already published, as well as instigating the debate on indigenous studies.

Keywords: Dance. Tremembé. Torém. Indians.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, Antônio. **Notas de viagem**. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará. 1965.

¹ CEARÁ. Povo Tremembé da Varjota e do Córrego João Pereira. In: **Raízes que brotam da terra**. – Fortaleza: Importec, 2007.

² CEARÁ. Secretaria da educação. Coordenadoria de desenvolvimento da escola. Célula de aperfeiçoamento pedagógico. **O livro da vida, v4: Tremembé.** – Fortaleza: Importec, 2007.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala.** Rio de Janeiro: Record, 2000.

GOMES, Alexandre, VIEIRA, João Paulo & MUNIZ, Juliana. **Povos indígenas do Ceará: Organização, memória e luta.** Fortaleza, Ceará: Editora e gráfica Ribeiro's, 2007.

LABAN, Rudolf. **Modern educational dance.** Macdonald &Evans, London, 1948.

OLIVEIRA JR., Gerson Augusto de. **Torém: Brincadeira dos índios velhos.** Fortaleza: Anna Blume, 1998.

PEREIRA, Arliene Stephanie Menezes Pereira. **Práticas de lazer e trabalho do povo indígena Tremembé de Almofala-CE.** 2010. 109 f. Monografia (Graduação em Tecnologia em Gestão Desportiva e de Lazer) – Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará. Fortaleza, 2010.

POMPEU SOBRINHO, Thomaz. **Índios Tremembés.** Rev. do Instituto do Ceará, Fortaleza: Instituto do Ceará, n.65, 1951.

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/tremembe/print>> Acesso em: 10 de Novembro 2009.

SAMPAIO, José L.F; Veríssimo, Maria E. Z.; Souza, Maria S. de. (Orgs). **A comunidade Tremembé: meio ambiente e qualidade de vida.** s.l.: Inesp, 2003.

VALLE, Carlos G. Octaviano. **Os Tremembé, grupo étnico-indígena do Ceará.** Laudo antropológico. Rio de Janeiro: Peti: Museu Nacional, 1992.